Contos

Eça de Queirós



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Contos

Eça de Queirós

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net

CONTOS

PORTO--Imprensa Moderna

EÇA DE QUEIROZ

CONTOS

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO

LIVRARIA CHARDRON, DE LELO & IRMÃO, EDITORES--RUA DAS CARMELITAS, 144

1913

Todos os direitos reservados

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 vol. 1$200

O Primo Bazílio, 1 volume 1$000

O Mandarim, 1 volume 500

Os Maias, 2 grossos volumes 2$000

A Relíquia, 1 grosso volume 1$000

Correspondência de Fradique Mendes, 1 volume 600

A Ilustre Casa de Ramires, 1 volume 1$000

A Cidade e as Serras, 1 volume 800

Contos, 1 volume 600

Prosas Bárbaras, 1 volume 600

Cartas de Inglaterra, 1 volume 500

Ecos de Paris, 1 volume 500

Cartas Familiares, 1 vol. 500

Notas Contemporâneas, 1 volume 1$000

Últimas páginas (manuscritos inéditos), 1 vol. 1$000

Páginas esquecidas, com um largo estudo de José Sampaio (Bruno) no prélo

As Minas de Salomão, (tradução), 1 volume 600

Revista de Portugal, 4 grossos volumes (colaboração) 12$000

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne--(Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Jan. de 1912.)

* * * * *

A obra dispersa de Eça de Queiroz, desde os seus primeiros folhetins na _Revolução de Setembro_ e na _Gazeta de Portugal_ até à sua

assídua colaboração na _Gazeta de Notícias_, do Rio de Janeiro, e na _Revista Moderna_, é muito vasta, muito variada e encerra algumas das mais maravilhosas páginas do grande e saudoso escritor.

Os seus editores começam, com a publicação do presente volume, a _compilação da obra póstuma e dispersa_, recolhendo cuidadosamente êsse riquíssimo espólio, para o salvar, pelo livro, do esquecimento a que o condenariam a dispersão das fôlhas diárias e a sua efémera vida.

Os _Contos_ compreendem todos os escritos dêste género que Eça de Queiroz nos deixou, a partir das _Singularidades duma rapariga loura_. Os seus primitivos escritos na _Revolução_ e na _Gazeta de Portugal_, obra mixta de fantasia e de crítica, seguir-se hão a êste em outro volume, já no prelo, e a que uma feliz indicação do snr. Jaime Batalha Reis[1] nos revelou o próprio título que o autor determinara dar-lhe: _Prosas Bárbaras_.

Mais três volumes serão destinados a coligir as suas correspondências para os jornais brasileiros, conservando-se-lhes como títulos as rúbricas sob que ali eram publicadas: _Cartas de Inglaterra_, _Ecos de Paris e Cartas Familiares_; e outros dois encerrarão[2] a sua copiosa _vária_, onde se misturam impressões de literatura e de arte, artigos sôbre política geral, estudos biográficos, notas de viagem, ensaios, críticas, polémica, etc.

Completará esta série um derradeiro volume com o precioso inédito do _S. Cristóvão_,[3] tal como o admirável artista o deixou: um esbôço magnífico, um verdadeiro improviso, traçado com largueza numa primeira factura pronta e fluente, onde a sua imaginação e a sua prosa brotam em jorros impetuosos e borbulhantes, em contrário da

falsa lenda que fazia de Eça de Queiroz um criador moroso, e um escritor sem espontaneidade.

A título de curiosidade, para mostrar o poder de desenvolvimento e ampliação das suas faculdades imaginativas e como um exemplo dos seus processos de trabalho, inserimos no presente volume o conto intitulado _Civilização_, que o autor, amplificando-o, transformou depois na deliciosa novela _A Cidade e as Serras_.

Ao terminar estas linhas, os editores cumprem o grato dever de testemunhar o seu reconhecimento ao snr. Francisco Ramos Paz, co-proprietário da _Gazeta de Notícias_, do Rio de Janeiro, que, com o mais vivo interesse pela publicação dos escritos dispersos de Eça de Queiroz, lhes forneceu obsequiosamente toda a vasta colaboração do ilustre romancista no importante jornal fluminense.

Pôrto, 1903.

Lelo & Irmão.

(_Da primeira edição_)

[1] ANTHERO DE QUENTAL, _In Memoriam_, pag. 444.

[2] Publicado num só volume--_Notas Contemporâneas_--1909.

[3] Incluido no volume--_Últimas páginas_--1911.

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA

I

Começou por me dizer que o seu caso era simples--e que se chamava

Macário...

Devo contar que conheci êste homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe erriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão--por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de setim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido côr de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de sêda, onde reluzia um grilhão antigo, saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro: já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e sêca e uma escuridão aparatosa. Eu tinha descido da diligência, fatigado, esfomeado, tiritando num cobrejão de listas escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e desertos. Eram oito horas da noite. Os céus estavam pesados e sujos. E, ou fôsse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monótono da diligência, ou fôsse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influência da paizagem escarpada e árida, sob o côncavo silêncio noturno, ou a opressão da electricidade, que enchia as alturas--o facto é que eu--que sou naturalmente positivo e realista--tinha vindo tiranizado pela imaginação e pelas quimeras. Existe, no fundo de cada um de nós, é certo,--tam friamente educados que sejâmos--um resto de misticismo; e basta às vezes uma paizagem soturna, o vélho muro de um cemitério, um ermo ascético, as emolientes brancuras de um luar,

para que êsse fundo místico suba, se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a idea, e fique assim o mais matemático ou o mais crítico--tam triste, tam visionário, tam idealista--como um vélho monge poeta. A mim, o que me lançara na quimera e no sonho, fôra o aspecto do mosteiro de Rastelo, que eu tinha visto, à claridade suave e outonal da tarde, na sua doce colina. Então, emquanto anoitecia, a diligência rolava contínuamente ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e o cocheiro, com o capuz do gabão enterrado na cabeça, ruminava o seu cachimbo--eu pus-me, elegíacamente, ridículamente, a considerar a esterilidade da vida: e desejava ser um monge, estar num convento, tranqùilo, entre arvoredos ou na murmurosa concavidade dum vale, e emquanto a água da cêrca canta sonoramente nas bacias de pedra, ler a _Imitação_, e ouvindo os rouxinóis nos loireirais ter saudades do céu.--Não se pode ser mais estúpido. Mas eu estava assim, e atribuo a esta disposição visionária a falta de espírito--a sensação--que me fez a história daquele homem dos canhões de veludilho.

A minha curiosidade começou à ceia, quando eu desfazia o peito de uma galinha afogada em arroz branco, com fatias escarlates de paio--e a criada, uma gorda e cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-o cair de alto de uma caneca vidrada. O homem estava defronte de mim, comendo tranqùilamente a sua geleia: perguntei-lhe, com a bôca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos--se êle era de Vila Rial.

--Vivo lá. Há muitos anos--disse-me êle.

--Terra de mulheres bonitas, segundo me consta--disse eu.

O homem calou-se.

--Hein?--tornei.

O homem contraiu-se num silêncio saliente. Até aí estivera alegre, rindo dilatadamente; loquaz e cheio de bonomia. Mas então imobilizou o seu sorriso fino.

Compreendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia de-certo no destino daquele vélho uma _mulher_. Aí estava o seu melodrama ou a sua farça, porque inconscientemente estabeleci-me na idea de que o _facto_, o _caso_ daquele homem, devera ser grotesco e exalar escárnio.

De sorte que lhe disse:

--A mim teem-me afirmado que as mulheres de Vila Rial são as mais bonitas do Norte. Para os olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo, para tranças os Arcos: é lá que se vêem os cabellos claros côr de trigo.

O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

--Para cinturas finas Viana, para boas peles Amarante--e para isto tudo Vila Rial. Eu tenho um amigo que veio casar a Vila Rial. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba loura, bacharel.

--O Peixoto, sim,--disse-me êle, olhando gravemente para mim.

--Veio casar a Vila Rial como antigamente se ia casar à Andaluzia--questão de arranjar a fina flor da perfeição.--À sua saude.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi à janela com um passo pesado, e reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com a sola forte e atilhos de coiro. E saiu.

Quando pedi o meu castiçal, a criada trouxe-me um candieiro de latão

lustroso e antigo e disse:

--O senhor está com outro. É no n.º 3.

Nas estalagens do Minho, às vezes, cada quarto é um dormitório impertinente.

--Vá--disse eu.

O n.º 3 era no fundo do corredor. Às portas dos lados os hóspedes tinham posto o seu calçado para engraxar: estavam umas grossas botas de montar, enlameadas, com esporas de correia; os sapatos brancos de um caçador; botas de proprietário, de altos canos vermelhos; as botas de um padre, altas, com a sua borla de retroz; os botins cambados de bezerro, de um estudante; e a uma das portas, o n.º 15, havia umas botinas de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma criança, todas coçadas e batidas, e os seus canos de pelica-mór caíam-lhe para os lados com os atacadores desatados. Todos dormiam. Defronte do n.º 3 estavam os sapatos de casimira com atilhos: e quando abri a porta vi o homem dos canhões de veludilho, que amarrava na cabeça um lenço de sêda: estava com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés metidos nuns chinelos de ourelo.

--O senhor não repare--disse êle.

--À vontade--e para estabelecer a intimidade tirei o casaco.

Não direi os motivos porque êle daí a pouco, já deitado, me disse a sua história. Há um provérbio eslavo da Galícia que diz: o que não contas à tua mulher, o que não contas ao teu amigo, conta-lo a um estranho, na estalagem. Mas êle teve raivas inesperadas e dominantes para a sua larga e sentida confidência. Foi a respeito do meu amigo,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com